

ENCRUZILHADAS DE POESIA E PROSA EM HUDSON RIBEIRO: SELETA AFRO-CAPIXABA

CROSSROADS OF POETRY AND PROSE IN HUDSON RIBEIRO: *AFRO-CAPIXABA* SELECTED WORKS

Luana Gabriela Paslawski*
Vitor Cei*

Hudson Ribeiro nasceu em 1961, em Vitória, no Espírito Santo, terra de contradições e tensões raciais. Conforme aponta Cleber Maciel (2016), o estado, com registros de negros escravizados desde 1550, foi uma das capitanias hereditárias que mais praticou o tráfico negreiro. Não por acaso, o Espírito Santo também foi pioneiro na promoção de uma política de embranquecimento populacional: a primeira colônia açoriana, em Viana (1812); a primeira colônia alemã, em Santa Isabel (1847); e o primeiro

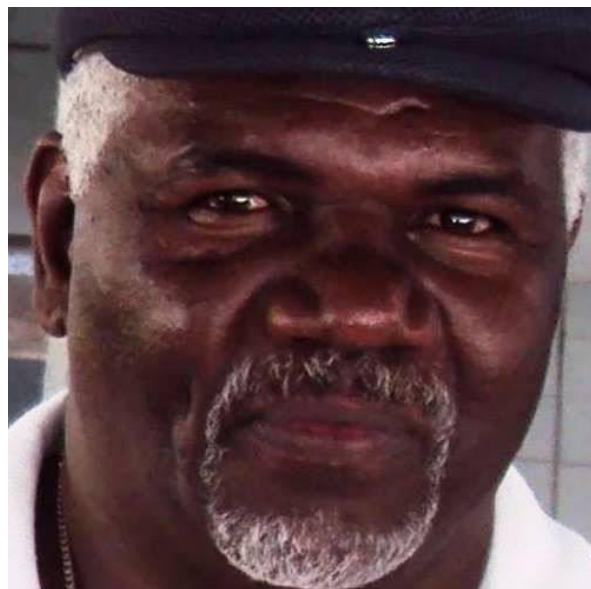
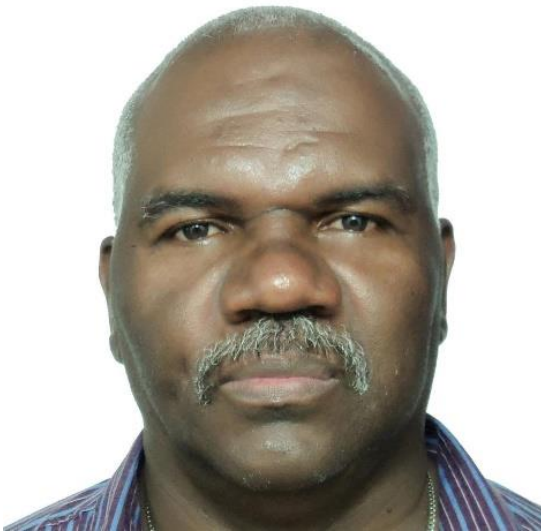
* Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

contingente de imigrantes italianos a chegar ao Brasil, que desembarcou no porto de Vitória, em 1874, rumo à fundação de Santa Teresa — efeméride celebrada e estudada em seu 150º aniversário (Fontes; Zidaric; Padilha, 2024).

Paradoxalmente, nesse contexto regional em que a maioria da população é afrodescendente e remanescente de diversas culturas e etnias africanas e indígenas (Maciel, 2016), durante muito tempo a historiografia capixaba obliterou a presença negra e os confrontos entre indígenas e imigrantes europeus. De acordo com Leonardo Nascimento Bourguignon (2024), priorizou-se a promoção de falácias como a do “vazio demográfico”, que falsamente declara que os imigrantes europeus teriam se estabelecido em território desabitado, quando, na verdade, ocorreram deslocamentos forçados das populações que aqui residiam. A essa perspectiva racista acrescentaram-se outras representações, como a que atrela o desenvolvimento econômico exclusivamente ao empreendedorismo do imigrante europeu. Como resultado, os trabalhos acadêmicos e culturais têm se dedicado majoritariamente à presença real e simbólica dos imigrantes europeus, sobretudo italianos e germânicos (Maciel, 2016; Gualberto, 2016).

Nesse contexto racista, Hudson Ribeiro passou a infância durante a ditadura civil-militar — tema do conto “Chaga”, incluído nesta seleta —, período que coincidiu com o fortalecimento do Movimento Negro brasileiro. Conforme aponta Conceição Evaristo (2009), a partir da década de 1970, esse movimento incentivou os afro-brasileiros a voltar seus olhares para a África. Tal direcionamento aumentou a visibilidade de uma linguagem literária focada na realidade do negro no Brasil e na recuperação das culturas africanas e afro-brasileiras em diáspora.





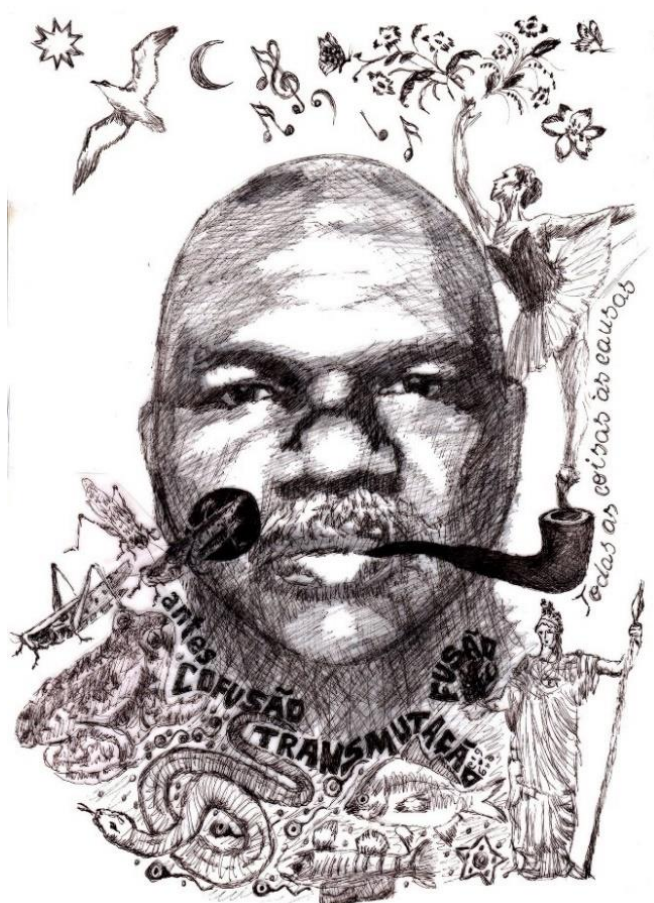
O escritor Hudson Ribeiro (Fotos sem crédito).

Essa literatura afrobrasileira se articula pela junção de cinco componentes: “[...] a temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público” (Duarte, 2014, p. 277). Em contrapartida, essa posição do escritor ou intelectual negro engajado ainda hoje é “mal vista pela academia e pelos espaços institucionalizados, como se pudéssemos ainda omitir todas as posições de poder e saber já institucionalizadas” (Silva, 2016, p. 32).

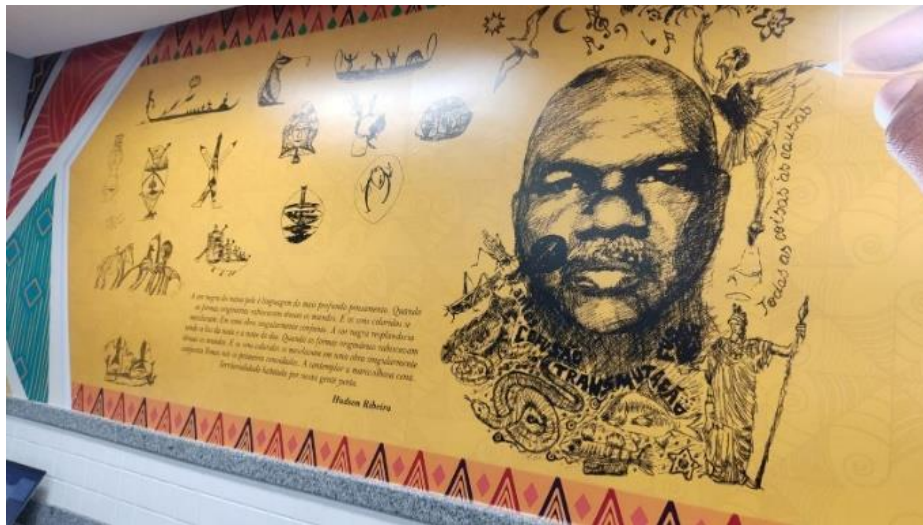
Essa escrita, seja de uma escritora reconhecida, como Conceição Evaristo, ou de um escritor capixaba menos conhecido, como Hudson Ribeiro, faz-se necessária, pois evidencia questões antes ignoradas ou silenciadas, cujo espaço vem sendo construído ainda muito recentemente. Reescrever aquilo que foi mal contado faz

parte do esforço de questionar determinadas representações caricatas que perduraram, legitimando ou até conduzindo a compactuar com visões preconceituosas sobre os grupos chamados de minorias.

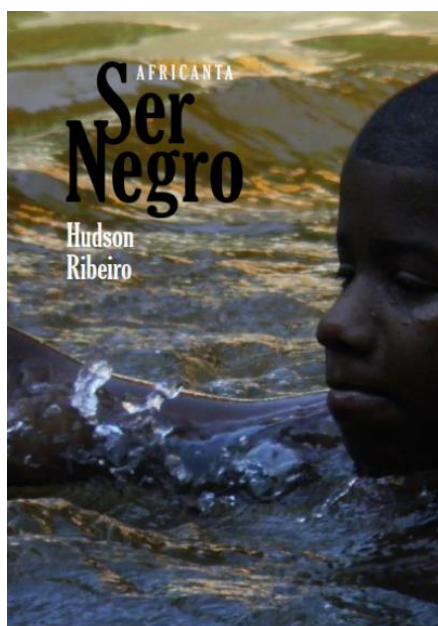
Esta seleta apresenta uma amostra da poesia e da narrativa ficcional contra-hegemônica de Ribeiro, com protagonismo negro, que evidencia questões da realidade de vozes historicamente silenciadas e estereotipadas. Sua voz autoral, mesmo quando trata de temas não explicitamente relacionados à questão racial, tem consciência de que “os homens negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero” (Hooks, 2022, p. 33).

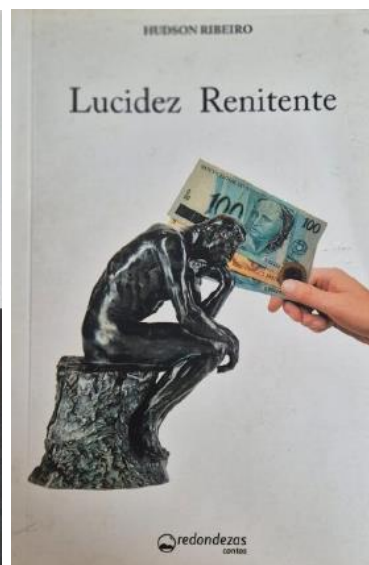
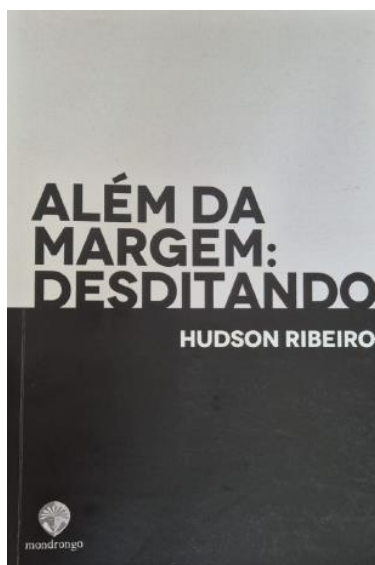


Hudson Ribeiro por Anaise Perrone. Abaixo, o desenho reproduzido na parede da Biblioteca Hudson Ribeiro, na EEEM Colégio Estadual de Vitória.



Hudson Ribeiro publicou poemas em *Momento exato* (Edição do Autor, 1988), *Africanta: ser negro* (Edição do Autor, 2015; 2ª edição, Pedro & João, 2020), *Círculo poetizado* (Pedro & João, 2020) e *Além da margem: desditando* (Mondrongo, 2020); contos em *Lucidez renitente* (Multifoco, 2013), *Algumas pessoas sem palavras* (Viseu, 2019) e no livro póstumo *Antes de o galo cantar* (Cândida, 2022). Também deixou um romance inédito, com o título *Vó Nkomba*.

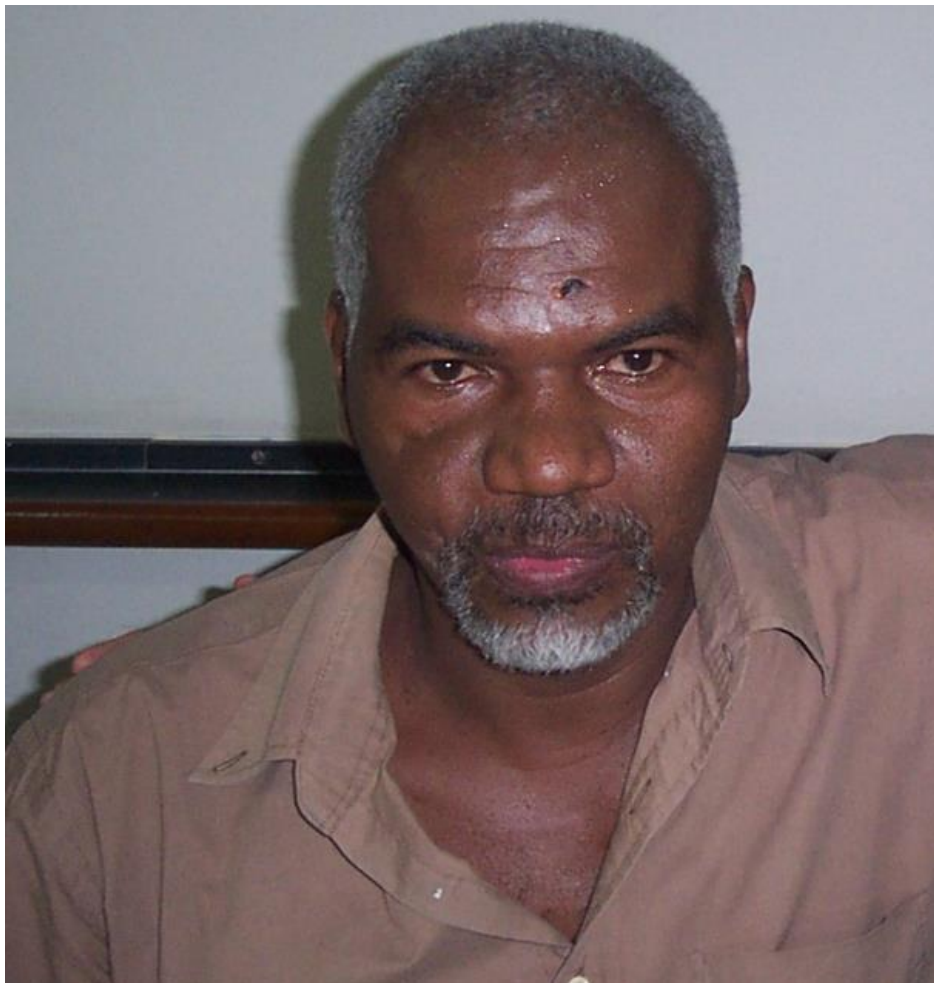






Capas dos livros de Hudson Ribeiro.

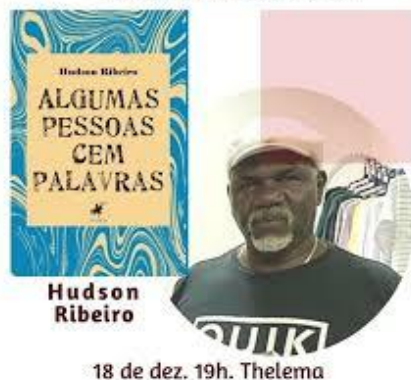
A trajetória plural desse polímata “que traz o debate social e a diversidade temática presente no cotidiano brasileiro” (Carvalho, 2019, n.p.), corrobora que os claustros disciplinares ocidentais, que “excluem, separam, cindem, criam limites e fronteiras, restringem o pensamento e provocam cisões” (Martins, 2022, p. 7), são limitados para responder à diversidade de escritas e linguagens de um autor afro-brasileiro. Nesse sentido, a ideia africana de encruzilhada — “encruzilhadas de pensamentos, de vidas, de experiências culturais, de teorias” (p. 40) — é mais adequada para pensar os “modos diversos de concepção, de experiência, de manifestação, de tradução de todo e qualquer encontro” (p. 40).



Hudson Ribeiro em foto (sem crédito) de 2004, na Ufes.

Em suas encruzilhadas, apesar de ter sido publicado por editoras dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Paraná, Hudson sempre viveu na dupla marginalidade periférica de ser capixaba e negro, padecendo com a dificuldade de distribuição e divulgação de seus livros — dificuldade agravada por ter sido um homem introspectivo, pouco afeito ao *networking* do campo acadêmico e do circuito autor-obra-público, além de avesso às negociações dos círculos literários e do campo midiático. Nessa perspectiva, esperamos que esta seleta seja um convite à leitura de sua obra.

Prosas Literárias



Convite para o evento Prosas literárias, da Thelema, em Vitória, em 2019, para lançamento e palestra sobre o livro de Hudson Ribeiro.



Vitor Cei (à esquerda) e Adolfo Oleare (à direita), debatedores da obra de Hudson Ribeiro (ao centro) (Acervo pessoal de Vitor Cei).

Esta seleta começa com os poemas de *Além da margem: desditando* (2020), livro que estava pronto desde 2002, e cujo título atiga os polêmicos debates éticos e estéticos sobre conservadorismo e marginalidade, centro e periferia, cânones e margens — almejando ir além dessas dicotomias. Desditando, o poeta desestabiliza os parâmetros que sustentam tanto o cânone quanto o multiculturalismo e permanece à margem dos movimentos sociais que têm sido unificados sob o controverso rótulo de “identitários” (Ceí, 2020, n.p.).

Os três poemas do livro incluídos nesta seleta articulam lirismo e crítica social ao internalizar o social na própria forma poética, transformando a experiência do

sofrimento — individual, coletivo e histórico — em expressão estética de alta densidade simbólica. Ao reconfigurar a dor como linguagem, Hudson Ribeiro confere unidade e ritmo ao protesto, convertendo a poesia em gesto de resistência.

Em seguida, os poemas de *Africanta: ser negro* (2015) representam uma virada para a exaltação do pertencimento étnico-afrodescendente e dos valores culturais da ancestralidade negra, na perspectiva de consolidação de uma vertente negra na literatura brasileira produzida no Espírito Santo.

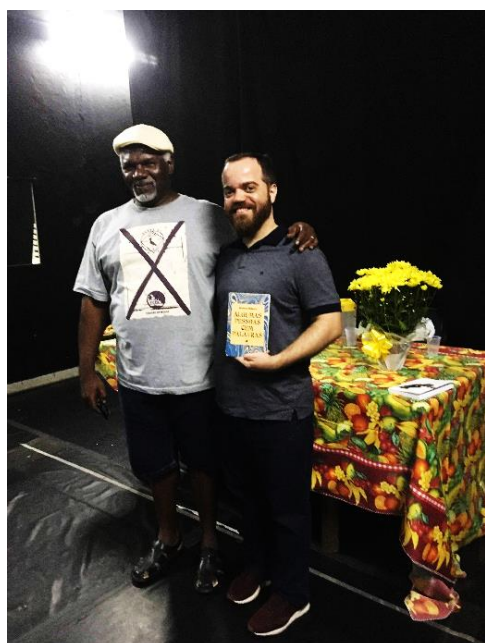
A obra, seja lida como “uma poesia épica dividida em subtítulos”, porque “não há uma ruptura ou mudança de tema entre um poema e outro” (Ceij; Coelho, 2016, p. 2), seja lida em ritmo de manifesto, com ironia dirigida ao mito da igualdade racial, contrapõe-se à estética branca, na contramão do imaginário social — constantemente reforçado pela mídia e pelo espaço escolar — construído sobre a exaltação do branco e a subalternização do negro. Assim, o sujeito negro que aprendeu a sobreviver recriando as próprias formas de percepção “mostramos que possuir a Negritude é ouvir, ver, sentir e viver, aprendendo com a Ancestralidade a cumplicidade e a solidariedade entre os povos” (Cardoso, 2020, p. 11).

Ribeiro, interseccionado pelas opressões de raça e de classe, sabia que a tentativa de se adequar ao pensamento patriarcal racista era a verdadeira responsável pelas mazelas enfrentadas pelos negros (Hooks, 2022). Por isso, revaloriza a pele negra como símbolo cosmogônico e origem da criação. Nesse sentido, recusou a norma mítica que, segundo Lorde (2019), levou homens negros a acreditarem que, ao adotarem os mesmos modelos dos brancos após alcançada a liberdade da escravidão, assumiriam a posição de patriarcas e cuidariam de suas famílias.



Hudson Ribeiro (Fotos sem crédito – Acervo de Vitor Cei).

Ainda que *Africanta* seja o único livro publicado por Ribeiro integralmente engajado nas discussões de cunho racial, valorizando a origem africana e reavaliando a diversidade brasileira, fruto do processo violento de miscigenação, seus outros livros também tratam de raça, racismo e intersecção de opressões de gênero, raça e classe, divergindo da perspectiva capitalista e eurocêntrica que se impõe como universal.



Hudson Ribeiro, com Vitor Cei, no lançamento de *Algumas pessoas cem palavras* (Acervo de Vitor Cei).

Os microcontos “Branquela” e “Banco”, de *Algumas pessoas sem palavras* (2019), são “estórias cirurgicamente construídas com exatas sem palavras” (Oleare, 2019) e “textos provocadores e idiossincráticos” (Queiroz, 1999, n.p.). O primeiro destaca a presença do racismo estrutural (Almeida, 2021) e do patriarcado articulados às tensões e conflitos impostos à população negra. O segundo ironiza tanto a ideia de que, nas relações construídas em sociedades capitalistas, o ganho de um está necessariamente atrelado à perda de outro quanto o fato de que coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade, sendo responsável pelo sustento moral e por garantir a subsistência dos demais membros da família (Gonzalez, 2020).

O irônico “Chaga”, do mesmo livro, contrasta economia verbal e excesso de violência, tragédia política e simbologia religiosa, com um corpo torturado que se torna metáfora do país dilacerado pela repressão da ditadura civil-militar, e apresenta um desfecho kafkiano que faz do suplício um erro burocrático.

O microconto “Churrasquinho”, do livro supracitado, e o conto “Dia de prova”, de *Lucidez renitente* (2013), reverberam as experiências de Ribeiro como professor da rede estadual de ensino capixaba. Ele se dedicou à profissão desde 1988 — ano do centenário da abolição da escravidão — até sua morte, em 27 de setembro de 2021.



Convite para lançamento *In memoriam* do livro *Ser negro*, de Hudson Ribeiro.



Postagem do blog *Literatura do Espírito Santo*, do Curso de Letras da Ufes, orientado por Andressa Zoi Nathanailidis, com verbete dedicado à obra de Hudson Ribeiro.



Postagem de Henrique Pariz, organizador do *Palavras MarginaES*, em homenagem a Hudson Ribeiro.

Essa dedicação era a de alguém que não apenas sofreu com o racismo — uma barreira à ascensão socioeducacional da população negra —, mas que também compreendia a “educação como uma bandeira prioritária” do movimento negro, em prol tanto da conscientização e fortalecimento da identidade cultural negra quanto da superação do racismo e promoção da integração social (Forde, 2016, p. 247).

Sua longa carreira docente teve início em uma década marcada por “uma efervescência política negra com a criação de um conjunto de organizações que constituem hoje o chamado movimento negro contemporâneo capixaba”, promovendo “ações nos espaços escolares e nos espaços não escolares” (Forde, 2016, p. 248-249).

A atuação docente de Hudson Ribeiro foi fundamentada em uma graduação em Filosofia e uma especialização em Educação Comunitária pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), um mestrado em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e um doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufes, que a finitude o impediu de concluir.



Inauguração da Biblioteca Hudson Ribeiro, em 2024,
no Colégio Estadual do Espírito Santo, em Vitória (Fotos sem crédito).

Referências:

- BOURGUIGNON, Leonardo Nascimento. Indígenas, migrantes e imigrantes no interior da província do Espírito Santo. *Contexto*, Vitória, v. 2, n. 46, p. 184-202, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/44969>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- CARDOSO, Miriam. Prefácio. In: RIBEIRO, Hudson. *Africanta: ser negro*. São Carlos: Pedro & João, 2020.
- CARVALHO, Leticia Queiroz de. [Sem título]. In: RIBEIRO, Hudson. *Algumas pessoas cem palavras*. São Paulo: Viseu, 2019. n.p.
- CEI, Vitor. Um livro esperado. In: RIBEIRO, Hudson. *Além da margem: desditando*. Itabuna: Mondrongo, 2020. n.p.
- CEI, Vitor; COELHO, Wilson. *Africanta*, de Hudson Ribeiro: traços de uma herança cultural africana. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 13, n. 2, p. 1-5, 2016. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/622/592>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna Iberistica*, Veneza, n. 102, p. 259-280, 2014. Disponível em: <<https://edizionicafoscari.it/it/edizioni4/riviste/rassegna-iberistica/2014/102/por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira/>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- FONTES, Maria Aparecida; ZIDARIC, Walter; PADILHA, Fabíola (Org.). Dossiê 150 anos da imigração italiana no Brasil: produção e circulação dos saberes. *Contexto*, Vitória, v. 2, n. 46, p. 4-8, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/issue/view/1645>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- FORDE, Gustavo Henrique Araújo. Movimento negro e educação no Espírito Santo. In: MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. 2. ed. Organização de Osvaldo Martins de Oliveira. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. p. 247-252.
- GUALBERTO, João. A construção afro-capixaba. In: MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. 2. ed. Organização de Osvaldo Martins de Oliveira. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. p. 15-18.
- HOOKS, bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.
- LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. Tradução de Léa Sússekind Viveiros de Castro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque

de (Org.). *Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 145-157.

MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. 2. ed. Organização de Osvaldo Martins de Oliveira. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

MARTINS, Leda Maria. *Leda Maria Martins: entrevista a Pedro Kalil*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

OLEARE, Adolfo. [Sem título]. In: RIBEIRO, Hudson. *Algumas pessoas cem palavras*. São Paulo: Viseu, 2019. n.p.

RIBEIRO, Hudson. *Momento exato*. Vitória: Edição do Autor, 1988.

RIBEIRO, Hudson. *Lucidez renitente*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

RIBEIRO, Hudson. *Africanta: ser negro*. Vitória: Edição do Autor, 2015.

RIBEIRO, Hudson. *Algumas pessoas cem palavras*. Maringá: Viseu, 2019.

RIBEIRO, Hudson. *Africanta: ser negro*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João, 2020.

RIBEIRO, Hudson. *Círculo poetizado*. São Carlos: Pedro & João, 2020.

RIBEIRO, Hudson. *Além da margem: desditando*. Itabuna: Mondrongo, 2020.

RIBEIRO, Hudson. *Antes de o galo cantar*. Vitória: Cândida, 2022.

SILVA, Sandro José. É preciso gritar a liberdade! In: MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. 2. ed. Organização de Osvaldo Martins de Oliveira. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. p. 29-43.

Recebida em: 11 de setembro de 2025.

Aprovada em: 3 de outubro de 2025.

SELETA

Além da margem: desditando (2020)

Oferenda

Ao ontem, nosso pai,
sonhador e esmagado.

Ao hoje, nosso irmão,
inseguro e aflito.

Ao amanhã, nosso filho,
mais frio e metálico.

Lobo solidário

Lobo Solidário
Preços altos a pagar.
Coisas de lembranças
Esquecidas no lembrar.
Quarto canto escuro
Cheio de mágoas
Vazio de esperanças
Claro que se encontra lá.
Nem todas as preces reunidas
Podem a um Lobo Solidário salvar.

Arame farpado

Arame farpado/ suplício safado
Nas costas encurvadas/ dos tornados fracos
Como esparadrapo/ em ferida estampada
Como estampido/ pá! Pá! Pá! Pá!
Sem comida o bastante/ Sem ideias suficientes
Navegam a vida/ sempre à deriva
E os corações/ ausentes.

Arame farpado/ nos tornam ferrados
E muito mal pagos
Por todos os pecados
Que sequer cometemos
O fio afiado nas costas
Dos tornados fracos
Tornam os nossos corpos e mentes
Domesticados.

Arame farpado/ erguido e solidificado
Como altar ensanguentado
Quando o homem aprumado
Desceu dos galhos
E foi morar nas cavernas
Multiplicando as misérias.

Arame farpado/ algoz afiado
Retalha sádico/ os condenados da terra
Na labuta diária/ sob os gritos latidos
Do patrão possuído
Cifrão nos olhos/ máquina de calcular
No coração cromado.

Arame farpado/ é treva acesa
No ventre da mente
De toda essa gente/ cansada de sofrer
O retalho do corte/ inverso da sorte
Semeia agonia/ entristece o viver.

Arame farpado afiado
Nas longas e esguias/ palavras premeditadas
A etiqueta pseudonobreza
Ditando autoritária/ as regras
E o povo excluído/ despossuído
Do mínimo para bem viver.

Arame farpado fantasiado
De boas ações/ e intenções altruístas
De mamãe carinhosa/ bonita e charmosa
De religioso piedoso/ pecador inconfesso
Distribui suas farpas/ tridentes de ouro
Quilates de sangue/ multiplica trapaças
Saqueia tesouros.

***Africanta: ser negro* (2015)**

Filho da África

Quem é filho da mãe África
Sabe na cor negra da pele
A enorme dor da trapaça
De trabalhar duro de graça
De sol a sol e de lua a lua
E mesmo com a mudança dos tempos
Para nós a luta contra a escravidão continua
Agora ainda mais necessária e renhida
Pois as inúmeras telas alienantes coloridas
Propagam muito célere ideia consumista
De que tudo e todos se encontram
Em seus devidos lugares
Quem é filho da mãe África
Sabe na cor negra da pele
A dor enorme da trapaça
Cada macaco em seu galho
O camarote luxuoso nos céus
É reservado apenas
Para os brancos racistas
Que em discursos dissimulados
Logicamente articulados
Dizem até que acreditam
Na igualdade dos povos
Enquanto em transações escabrosas
Promovem mortes diversas
Disfarçadas de bem feitorias
Quem é filho da mãe África
Sabe na cor negra da pele
A dor enorme da trapaça.

Enxergar com a audição

O jogo de sombra e luz já não nos seduz
Aprendemos a enxergar com a audição
O nosso punho levantado em protesto
Contra o punhal fincado bem no fundo coração...
Aprendemos apalavrar com o gesto
Sons das savanas africanas...
Aprendemos auscultar com a visão
Ao contar as ovelhas negras

Que se embranquecem em prontidão
Nosso olfato apurado não se engana
Aprendemos a refletir com os poros
Abertos, alertas que esperançosos soletram
Os sussurros da alienada multidão
Aprendemos a enxergar com a audição
Contra o punhal fincado bem no fundo coração.

Nossa pele é linguagem

A cor negra da nossa pele é linguagem
Do mais profundo pensamento
Quando as formas originárias
Rabiscavam tênues os mundos
E os sons coloridos se mesclavam
Em uma obra singularmente conjunta
A cor negra resplandecia
Sendo a luz da noite e a noite do dia
Quando as formas originárias
Rabiscavam tênues os mundos
E os sons coloridos se mesclavam
Em uma obra singularmente conjunta
Fomos nós os primeiros convidados
A contemplar a maravilhosa cena
Territorialidade habitada por nossa gente junta.

Criança negra

A criança negra aprende desde cedo
O valor de se embranquecer
A democracia racial brasileira
Propaga o racismo
De modo tão insidioso
Que muitos acreditam ser lenda
A exclusão dos afrodescendentes
Jazendo em cruel flagelo
As telas coloridas sorridentes
Com louras oxigenadas
E mostrando os dentes
Confirmam a tese
De que o negro é negro
Por ser negro até não poder
A criança negra
Aprende desde cedo
O valor de se embranquecer.

Todo esplendor

Orí... Orí... Orí...
 Direcione a minha flecha
 Em sua trilha correta
 Faz de Osóssi seu condutor
 Com todo o seu esplendor.
 Orí... Orí... Orí...
 Torna-me guerreiro valente
 Para enfrentar essa gente
 Que tem o mal como semente
 De frutos ruins.
 Orí... Orí... Orí...
 Faça dos meus braços
 Machados sagrados
 Milenarmente consagrados
 Irmanados com Sangô.
 Orí... Orí... Orí...
 Quando tudo ficar nublado
 E eu for injuriado
 Seja acesa bem no alto
 Para me guiar e proteger.
 Orí... Orí... Orí...
 Cavalgue o cavalo de Ogun
 Esgrima sua espada dourada
 Livrai-me de toda trapaça
 Sendo mais que mil em um.

Vista a nossa pele, professora

Vem cordata professora
 E vista a nossa pele
 E sentirá então
 O quanto nos repelem
 Por sermos filhos da noite
 Forjados nos açoites
 E conhecer os segredos
 Das sombras da escuridão.
 Vem serena professora
 E vista o nosso corpo
 Indelevelmente tatuado
 Da maneira mais cruel
 Sentirá então nossos músculos
 Como arco retesado

Pronto para cumprir a ação.
Vem amorosa professora
E vista o nosso coração
Bem maior do que seu céu
Balançando como barca
Amainando mar revoltado
Sentirá então professora
O quanto amamos
Que até nos agigantamos
De tanto querer o bem.
Vem furiosa professora
E vista a nossa secular ira
Talvez você mesma não possa
Possuir a raiva nossa
Gerada nas sinistras senzalas
E perpetuadas
Nas planificadas favelas.

***Algumas pessoas com palavras* (2019)**

Churrasquinho

Oberdan era um fanático pela leitura. Aprendera a ler e a escrever aos quatro anos de idade; aos sete, já havia lido toda a coleção das *Histórias do Oriente*. Aos oito, ganhou *O Pequeno Príncipe*; aos doze, já lia Dostoiévski e Machado de Assis. Na escola, vivia sendo encaminhado para o serviço de orientação pedagógica, não por mau comportamento, mas por conta da sua curiosidade furiosa. Abandonou os estudos ao concluir que as escolas mais o emburrecem do que o plenificavam. Atualmente, vende churrasquinho e batida de limão, enquanto brinda os seus fregueses com passagens dos clássicos da literatura universal.

Branquela

A cena ocorreu no shopping mais luxuoso daquela cidade banhada pelo mar e protegida por montanhas. Um afrodescendente enorme e musculoso expressava toda a sua indignação com uma senhora sofisticadamente vestida: "Negão é seu passado, sua branquela racista, cuidado com esse sol, pois já queimou as suas vistas. Neginho é cachorro de madame, vê se dobra essa língua, sua

branquela egoísta. Se você não sabe meu nome, nem precisa me chamar, sou filho de todas as fomes, que ergueu esse lugar.” Quando me aproximei, foi que reconheci o nego Dito, desditando preconceitos da pele da madame. Era um mestre nisso.

Banco

Noêmia Lima Machado encontrava-se no banco do estado para retirar o seu fundo de garantia quando os assaltantes chegaram tocando o maior terror. Noêmia tremia mais que vara verde sob vendaval intenso. Em sua cabeça passavam cenas horríveis de sonhos desfeitos e pesadelos solidificados. Para sua surpresa, o homem que parecia ser o chefe ordenou ao grupo para que a deixasse em paz, pois era irmã de cor. E de nada adiantaram os seus protestos, pois o grupo, preocupado com a fuga, nem mesmo a ouviu. O coração de Noêmia saltava pela boca. Quando a polícia chegou, enquadrou-a como cúmplice.

Chaga

Genildon Trindade Corisco encontrava-se nu, pendurado de cabeça para baixo, sendo vítima da tortura mais conhecida como pau de arara. Já tomara choques nos testículos, as suas unhas haviam sido arrancadas com alicate enferrujado, já sofrera simulações de afogamento. Todo o seu corpo era uma chaga imensa, aberta e infeccionada. Encontrava-se naquele estado lastimável por ironia do destino e incompetência dos órgãos de segurança. De nada adiantara afirmar ser um pacato funcionário público, contribuinte da LBV, torcedor do Flamengo de carteirinha e tudo. Quando capturaram o seu homônimo, já havia perdido todos os dentes, toda a pele e a razão.

***Lucidez Renitente* (2013)**

Dia de prova

Caramba! Hoje é dia de prova e eu não sei nada, tô igual àquele filósofo, xará do ex-jogador que faleceu com problemas no fígado. Nada sei da matéria que vai cair.

Gozada a expressão “cair na prova”, e de fato é assim mesmo, vai cair bem sobre a minha cabeça; e mesmo se eu tivesse estudado, daria no

mesmo — não sei como é que alguém pode guardar tantas datas e tantas fórmulas.

Certa estava aquela professora do primário ao dizer que eu era burro de pai e mãe — coitada da minha mãe, semelhante a um burro no trabalho pesado; do meu pai nunca soube de quem se tratava. Chego a ficar tonto e tão ansioso que preciso urgentemente ir ao banheiro, o nervosismo alagando a bexiga.

Gozado que guardo com facilidade os nomes das garotas que já peguei e as que pretendo pegar, e olhe que não são poucas; memorizei com facilidade todas as letras dos Racionais MC's.

Quando o assunto é futebol, me chamam até de enciclopédia ambulante, pois sei escalções completas, os nomes dos técnicos dos times e até os nomes dos jogadores que estavam no banco de reserva; mas, quando o assunto é matéria de escola, sei lá, dá um branco. Quando consigo entender o exemplo, chega a prova, cai uma exceção à regra e aí me quebra — isso já é perseguição! No fundo, não acredito naquela professora primária.

Como me lembro dela! Ah, dona Gertrudes... O comentário na escola era que ela era assim, toda ranzinza, por ter sido abandonada no altar pelo noivo. Quantas Gertrudes ainda existem na educação!

Melhor volto aos meus problemas, que não são poucos nem fáceis. Pior que eu não posso dar mole: reta final e tô cheio de notas vermelhas. Tudo bem que o sistema dá uma forcinha com tantas notas de recuperação e notas de projetos, mas não sei o que acontece comigo na hora da explicação — o meu pensamento fica voando alto.

Hoje, por exemplo, vai ter uma rodada quente pelo Brasileirão. Antes tem o capítulo da novela, êta novelinha sinistra! A galera nem desconfia que eu curto uma TV. Escondo direitinho, até critico publicamente a Nádia por só ler o jornal atrás de notícias das novelas, pois não sou besta e não quero ser alvo de zoação praquele bando de manés...

O professor de Física está tentando falar a respeito de uma descoberta recente — um negócio de uma partícula, um tal de neutrino que consegue se locomover mais rápido que a luz. Caramba, é brincadeira, né? Parece que essa nova revelação nos para... paradigmas! Acho que é essa a palavra. Esses caras descobrem cada coisa... o elixir da juventude e a pedra filosofal, pelo jeito, foram definitivamente esquecidos, né?

De repente, o meu pensamento fica planando sobre umas nuvens de formas indefinidas e de cores que eu nunca vi. Ouço os sons e até reconheço alguns, mas é como se nada me dissesse respeito. O meu próprio corpo me aparece estranho, todo desengonçado.

A Nádia, a minha ficante atual, diz que quando fico assim chego até a babar e também fico como se fosse vesgo. Credo! Ela precisa me beliscar com força pra eu voltar pra sala.

Veja só... Todo enrolado e ainda querendo ficar viajando. E aquela mina, será que vai ao baile sábado? Pelo sim, pelo não, vou dar-me um trato, ficar nos conformes da beleza, que tá assim, cheio de marmanjos de olho grande.

Domingo vou ao estádio. Semana passada, maior clássico do Capixabão, e eu lá também, durinho, durinho igual a um coco. Dessa vez não posso dar mole, vou arrebentar nessa prova — vocês vão ver! Pois, aliás, o que se passa aqui neste exato momento?

Assisti já demais, professor! Professor! O senhor tem certeza de que deu...? Porque eu então não recebi!